

O PROJETO MODERNIZADOR DO INTELLECTUAL MANOEL BOMFIM (1868-1932) EXPRESSO NO LIVRO DE LEITURA *PRIMEIRAS SAUDADES* (1920)

Nicolly Edyeren Tamborlim*, Ligiane Aparecida da Silva**
Maria Cristina Gomes Machado***, Laís Pacifico Martineli****

RESUMO

O artigo tem como objetivo investigar o projeto modernizador do intelectual Manoel Bomfim (1868-1932), expresso em seu livro de leitura intitulado *Primeiras saudades* (1920). O referido livro, escrito para crianças da escola primária, ressalta elementos concernentes à ideia de modernização almejada pelo autor, ao mesmo tempo que apresenta a escola como alavanca para esse processo modernizador. Buscou-se uma compreensão a respeito das possíveis conexões entre o livro e as propostas de Manoel Bomfim para a sociedade brasileira, no início do período republicano, concebendo-se o objeto de estudo em suas múltiplas determinações e na relação que estabelece com o contexto em que foi engendrado. A pesquisa justifica-se pela ausência de estudos sistemáticos desenvolvidos por pedagogas/os sobre a produção bomfiniana, sobretudo, no que tange à sua atuação como educador. O texto foi estruturado com vistas a abordar: a) a literatura infantil, em especial, a produção de Manoel Bomfim, bem como aspectos de sua vida e obra como educador, político e autor de livros para o público infantil; e b) estudo do livro *Primeiras saudades* e seu vínculo com o projeto modernizador do autor. Como resultado, concluiu-se que a literatura infantil, na perspectiva de Bomfim, era concebida como meio para a inculcação de valores, princípios e padrões de comportamento considerados como necessários à formação do cidadão republicano.

Palavras-chave: História da Educação. Primeira República. Manoel Bomfim. Livro *Primeiras saudades*.

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora da Educação Básica na rede privada de Maringá (PR). ORCID: 0000-0001-7836-4128. Correio eletrônico: nicolly_edyeren@hotmail.com

** Doutora e mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia pela UEM. Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). ORCID: 0000-0002-3368-0415. Correio eletrônico: ligi.ped@gmail.com

*** Doutora em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestra em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia pela UEM. Professora Titular do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação da UEM. ORCID: 0000-0002-7359-4562. Correio eletrônico: mcgm.uem@gmail.com

**** Doutoranda e mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia pela UEM. ORCID: 0000-0002-0977-6441. Correio eletrônico: lpmartineli@gmail.com

THE MODERNIZING PROJECT OF THE INTELLECTUAL MANOEL BOMFIM (1868-1932) EXPRESSED IN THE READING BOOK PRIMEIRAS SAUDADES (1920)

ABSTRACT

The article aims to investigate the modernizing project of the intellectual Manoel Bomfim (1868-1932) in his reading book entitled Primeiras saudades (First Nostalgia) (1920). This book was written for elementary school children. The book highlights elements concerning the idea of modernization desired by the author while presenting the school as a lever for this modernizing process. An understanding was sought about the possible connections between the book and Manoel Bomfim's proposals for Brazilian society. This occurred at the beginning of the Republican period. This way, the object of study in its multiple determinations was determined in the relationship that establishes with the context in which it was engendered. The research is justified by the absence of systematic studies developed by pedagogues on Bomfiniana production, especially with regard to their performance as educators. The text was structured to address the following aspects: a) children's literature of Manoel Bomfim in the first decades of the republic. Aspects of his life, works, his role as educator, politician and author of books for children; b) the study of the book Primeiras saudades and its link with the author's modernizing project. From Bomfim's perspective, as a result it was concluded that children's literature was conceived as a means for the inculcation of values, principles and patterns of behavior conceived as necessary for the formation of the republican citizen.

Keywords: History of Education. First Republic. Manoel Bomfim. Primeiras saudades book.

EL PROYECTO MODERNIZADOR DEL INTELLECTUAL MANOEL BOMFIM (1868-1932) EXPRESADO EN EL LIBRO DE LECTURA PRIMEIRAS SAUDADES (1920)

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo investigar el proyecto modernizador del intelectual Manoel Bomfim (1868-1932), expresado en su libro titulado Primeiras saudades (1920). El citado libro, escrito para niños de primaria, destaca elementos sobre la idea de modernización que busca el autor, al tiempo que presenta a la escuela como palanca de este proceso modernizador. Se buscó comprender las posibles conexiones entre el libro y las propuestas de Manoel Bomfim para la sociedad brasileña en el inicio del período republicano, concibiendo el objeto de estudio en sus múltiples determinaciones y en la relación que establece con el contexto en el que se engendró. La investigación se justifica por la ausencia de estudios sistemáticos desarrollados por pedagogos sobre la producción de Bomfin, especialmente en lo que respecta a su desempeño como educador. El texto se estructuró con miras a abordar: a) la literatura infantil, especialmente la producción de Manoel Bomfim, así como aspectos de su vida y obra como educador, político y autor de libros para niños; y b) estudio del libro Primeiras saudades y su vinculación con el proyecto

modernizador del autor. Como resultado, se concluyó que la literatura infantil, desde la perspectiva de Bomfim, fue concebida como un medio para inculcar valores, principios y estándares de conducta concebidos como necesarios para la formación del ciudadano republicano.

Palabras-clave: *Historia de la Educación. Primera República. Manoel Bomfim. Libro Primeiras saudades.*

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema o projeto modernizador do intelectual Manoel Bomfim (1868-1932)¹, o qual se encontra expresso no livro *Primeiras saudades* (1920), produzido para estudantes da escola primária. Propomo-nos a investigar a concepção modernizadora do intelectual Manoel Bomfim, implícita no livro mencionado, bem como verificar qual o papel que o autor atribuiu à educação para consolidação de seu projeto de nação.

Primeiras saudades narra a história da personagem Raul, um menino de doze anos que, em viagem à Europa, a bordo de um navio, a fim de estudar na França, decide escrever um diário relatando suas vivências e lembranças. Publicado em 1920, no Rio de Janeiro, pela Livraria Francisco Alves, o referido livro concorreu ao prêmio Francisco Alves, da Academia Brasileira de Letras, e recebeu menção honrosa (AGUIAR, 2000), o que demonstra o reconhecimento e impacto dessa produção dedicada à infância naquele período. Diante disso, nos questionamos: qual o projeto social e educacional de Manoel Bomfim presente no livro *Primeiras saudades*?

Vale ressaltar a relevância do estudo desse livro, por se constituir como fonte rara e pouco analisada por estudiosos da área de educação. Em revisão de literatura desenvolvida sobre a produção historiográfica dedicada à obra de Manoel Bomfim, Silva (2017) identificou quantidade expressiva de trabalhos relacionados com as reflexões do autor sobre história do Brasil e da América Latina, em detrimento das pesquisas diretamente vinculadas à sua produção e engajamento na área educacional. Esse fato é curioso se considerarmos que Bomfim dedicou 35 anos de sua vida profissional à educação, apesar da formação em Medicina. Sobre *Primeiras saudades*, em especial, a autora supracitada não encontrou nenhuma análise desenvolvida até 2017, ano de conclusão de sua tese de doutoramento.

Em virtude disso, buscamos uma compreensão a respeito das possíveis conexões entre o conteúdo do livro e as propostas de Manoel Bomfim para a sociedade brasileira, no início do período republicano, com o intuito de compreender o objeto de estudo em suas múltiplas determinações e na relação que estabelece com o contexto em que foi engendrado. Portanto, voltamos o nosso olhar para a escola republicana, especificamente, no período conhecido como Primeira

¹ Nascido na cidade de Aracaju, capital de Sergipe. Formado em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Lecionou e dirigiu a Escola Normal do Rio de Janeiro, foi subdiretor e diretor do *Pedagogium*, atuou como deputado federal em defesa da expansão da escola primária e do combate ao analfabetismo no país. Sua obra privilegia temas como estes: história do Brasil e da América Latina, educação, pedagogia, psicologia, zoologia, dentre outros (AGUIAR, 2000; GONTIJO, 2003, 2010).

República (1889-1930), quando a educação foi concebida como meio para se alcançar o progresso. Para que o país se desenvolvesse, intelectuais, políticos e educadores do período defendiam a aquisição de conhecimentos necessários à vida por parte dos cidadãos. Contudo, a massa da população brasileira era formada por analfabetos, o que implicou uma redefinição do papel da escola e a elaboração de projetos para a sua reforma e difusão, sobretudo, no que concerne à instrução primária.

Acreditamos que o livro de leitura *Primeiras saudades* reúne elementos para se refletir a respeito do projeto modernizador, via leitura e educação, defendido por seu autor, com vistas ao desenvolvimento do Brasil, no limiar da República (SILVA, 2017). No intuito de corroborar tal afirmação, estruturamos o trabalho em duas partes, que contemplam: a) a literatura infantil, em especial, a produção de Manoel Bomfim, bem como aspectos de sua vida e obra como educador, político e autor de livros para o público infantil; b) estudo do livro *Primeiras saudades* e seu vínculo com o projeto modernizador do intelectual em tela.

Por meio da leitura da fonte elencada e da historiografia dedicada ao estudo do Brasil republicano, tivemos como intento compreender os debates em torno da educação do período, em especial, sobre questões como obrigatoriedade, laicidade, métodos de ensino e universalização da escola primária. Nosso olhar, portanto, esteve voltado às entrelinhas do livro, e a literatura infantil foi o ponto de partida para a compreensão do projeto modernizador de Manoel Bomfim.

2 LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO DA PRIMEIRA REPÚBLICA

Este tópico tem a intenção de situar a literatura infantil brasileira no contexto da Primeira República (1889-1930), em particular, a vida e a produção literária infantil de Manoel Bomfim. A articulação com o contexto histórico dos primeiros passos da produção literária infantil brasileira é primordial, para que se compreenda que o processo de elaboração de textos específicos para a infância estava intrinsecamente relacionado com as demandas econômicas, políticas, sociais e culturais do período. Isso significa que a literatura infantil do país, bem como a colaboração de Manoel Bomfim, não pode ser considerada como um processo particular, separado do contexto de sua produção, como se fosse autônomo e orientado por propósitos particulares.

No contexto da Primeira República, o Brasil vivenciou profundas transformações nos âmbitos político, econômico, cultural, social e educacional. Sob um novo regime político, desde 1889, buscava-se elevar o país aos patamares de desenvolvimento, o que exigiu a articulação e o envolvimento dos mais diversos setores nessa empreitada. Nagle (1974) pontua que, aos poucos, naquele momento, a urbanização retirou do Brasil os traços de nação essencialmente agrícola, tornando possível a disseminação de novos valores relacionados com a vida na cidade, com os benefícios da ciência e da tecnologia, juntamente com um quadro de otimismo em relação às mudanças em curso.

Evidenciamos, em especial, o destaque e assíduo debate em torno das questões ligadas à educação, vista como instrumento e mecanismo para se atingir o progresso nos moldes das nações industrializadas. Intelectuais, políticos e educadores engajaram-se na defesa da formação de cidadãos, que deveriam ter um rol

de conhecimentos atinentes à vida, por meio da realização de debates e projetos de combate ao analfabetismo massivo. A redefinição da escola pública e de sua função social, bem como dos métodos de ensino, foram temas amplamente discutidos no período, visto que o analfabetismo, em regimes republicanos, era comumente compreendido como símbolo de atraso (CARVALHO, 1989).

A educação, por sua vez, possibilitaria a construção de uma identidade nacional, por meio da unificação de sentimentos ligados à pátria, de costumes, de valores e da elaboração de uma história e memória brasileira, de modo que transformaria o Brasil em uma nação, e o seu povo nos cidadãos brasileiros. Para a realização desse objetivo, na perspectiva de Souza (2004, 2006), era preciso modelar o povo para a manutenção da ordem e regenerar a população para o alcance do progresso. Foi com esse intuito que parte da intelectualidade do período republicano voltou-se à busca, ao estudo e à produção de materiais didáticos, recursos pedagógicos, métodos de ensino, e de uma literatura elaborada especialmente para crianças.

Decorrente dessa acelerada urbanização que se deu entre o fim do século XIX e o começo do século XX, o momento se torna propício para o aparecimento da literatura infantil. Gestam-se aí as massas urbanas que, além de consumidoras de produtos industrializados, vão constituindo os diferentes públicos, para os quais se destinam os diversos tipos de publicações feitos por aqui: as sofisticadas revistas femininas, os romances ligeiros, o material escolar, os livros para crianças. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985, p. 25).

Embora a literatura infantil tenha surgido na Europa, às vésperas do século XVIII, como destacam Lajolo e Zilberman (1985), no Brasil, só veio a se estabelecer, a partir do início do século XX. Na década de 1920, Monteiro Lobato (1882-1948) consolidou esse gênero no Brasil, criando uma literatura infantil original, tipicamente brasileira, que tinha como principal critério de produção o gosto infantil. No século XIX, segundo as autoras, os livros para crianças eram escassos e publicados esporadicamente, de forma que, somente na última década desse século, se observa um movimento mais assíduo de elaboração de livros para a infância², o que demonstra que o interesse consciente, por parte dos adultos, pela produção de livros adequados à infância e à formação da criança decorre desse período.

As inúmeras transformações pelas quais passava o país, após a mudança de regime político e o avanço gradual do capitalismo industrial e da urbanização, prepararam o terreno para uma nova concepção de infância. Antes vista como um pequeno adulto, com o avanço sem precedentes do sistema capitalista, a criança começou a ser reconhecida em suas singularidades biológicas, físicas e emocionais. Martineli (2014) assevera a estreita relação entre o desenvolvimento da literatura infantil e a mudança da concepção de infância ornamentada pela burguesia. Nesse momento, a criança recebeu um novo olhar do adulto, e sua preservação, cuidado e educação tornaram-se objetivos que deveriam ser alcançados.

O reconhecimento das características próprias da infância exigiu, então, um novo modelo de formação para as crianças. Foi nesse cenário que a função social atribuída à escola primária foi ressignificada. Essa escola necessitava de ferra-

² Para conhecimento dos títulos de livros para infância publicados no período, consultar Martineli (2014).

mentas que contribuíssem para o cumprimento das novas exigências educacionais do período, e a “[...] literatura infantil surge, então, como um aliado para atingir essa nova meta [...]” (MARTINELI, 2014, p. 66). Salem (1970) sublinha que o olhar mais atencioso às crianças, consideradas como sujeitos peculiares e com necessidades distintas dos adultos, torna possível o surgimento de obras direcionadas à infância, ao seu desenvolvimento e à socialização de conteúdos teóricos e de caráter moral. Assim,

O livro infantil passa a ser escrito, procurando preencher essas condições impostas pela educação [...], procurando desenvolver, desabrochar a personalidade infantil, inculcando-lhe bons ensinamentos, magníficos exemplos e procurando fazer dessas crianças, homens de valor. (SALEM, 1970, p. 49).

Os livros infantis e escolares eram, portanto, aliados que possibilitariam uma transformação da sociedade rural em urbana e, junto à escola, passariam a exercer papel fundamental na instrução infantil a ela confiada, sobretudo quanto aos valores, habilidades, técnicas e conhecimentos importantes para o novo cidadão, que viveria na cidade e trabalharia na indústria ou no comércio.

É importante salientar, além disso, o surgimento de um público interessado em livros e literatura, no decorrer da Primeira República, o que pode ser explicado pelo aparecimento de classes sociais intermediárias, conforme defendem Lajolo e Zilberman (1985). Para as autoras, o consumo desses bens denotava proximidade com um padrão de cultura e de escolarização que essas classes desejavam alcançar. Entre a grande leva de ex-escravos e de trabalhadores rurais, de um lado, e a alta burguesia e a aristocracia rural, de outro, alguns grupos apologistas da urbanização viam na escola e nos bens culturais por ela produzidos e disseminados formas de ascender socialmente.

Em meio a debates, sugestões e denúncias desses sujeitos interessados em mudanças sociais via escola,

[...] o apelo foi ouvido. Intelectuais, jornalistas e professores arregaçaram as mangas e puseram mãos à obra; começaram a produzir livros infantis que tinham um endereço certo: o corpo discente das escolas igualmente reivindicadas como necessárias à consolidação do projeto de um Brasil moderno. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985, p. 28).

A literatura infantil das primeiras décadas do regime republicano era orientada por esses propósitos. Boa parte dos livros publicados no início do século XX foram produzidos com base em outras obras, muitas voltadas ao público adulto e adaptadas, ou traduzidas, de textos infantis estrangeiros, como *Dom Quixote de la Mancha*, *Robinson Crusóé*, *Viagens de Gulliver*, entre outros. Alguns livros foram criados para serem utilizados pelos professores como livros de leitura nas escolas, ou seja, eram usados como textos de apoio ao ensino de conteúdos curriculares.

Destacamos, em especial, a produção de Olavo Bilac, Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida e Manoel Bomfim, autores que se engajaram na produção de livros de caráter marcadamente nacionalista e moralizante, como poemas infantis, textos folclóricos, cantigas, provérbios e fábulas. Assim, nos livros produzidos

por esses autores, é evidente a ênfase ao patriotismo, ao amor ao país, ao respeito aos pais e professores, à amizade, ao trabalho, à solidariedade, isto é, princípios para a construção de um Brasil que haveria de crescer harmoniosamente, em meio às desigualdades sociais que lhe caracterizavam.

Cabe enfatizar que a característica dos livros destinados à criança e à escola primária era questionada por muitos intelectuais do período. José Veríssimo (1906, p. 6), por exemplo, ainda na primeira década do século XX, já reivindicava a produção de um “[...] material escolar não só feito por brasileiros, o que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime.” A crítica do autor voltava-se às adaptações e traduções de obras estrangeiras publicadas no Brasil, mas que nada tinham de brasileiras. Monteiro Lobato, mais diretamente, comentou acerca das obras infantis de seu tempo: “É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação dos meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o Coração de Amicis - um livro tendente a formar italianinhos...” (LOBATO, 1964, p. 113-114).

Manoel Bomfim desempenhou importante papel ao se envolver na escrita de livros de leitura, como assevera Freitas (2002). Um exemplo elucidativo disso é a criação da revista infantil *O Tico-Tico*, no ano de 1905, resultado de uma parceria de Manoel Bomfim com Luís Bartolomeu e Renato de Castro, cujos últimos números foram publicados em 1955. Em colaboração com Olavo Bilac (1865-1918), seu amigo e parceiro em diferentes produções dessa categoria (ZILBERMAN, 2004), Manoel Bomfim produziu, em 1910, a obra *Através do Brasil*, seu livro de leitura mais conhecido, que conta com mais de sessenta edições publicadas no percurso do século XX. Pela notoriedade desse livro e de outros que produziu, como *Primeiras saudades*, Manoel Bomfim é parte importante do processo de construção de livros infantis e escolares, cujo destino era a escola primária brasileira.

Detentor de um pensamento original, como destaca Alves Filho (2013), Bomfim atacou as ideias dominantes da época, buscando apoiar-se na análise histórica da colonização, das condições culturais da população brasileira, além de defender a educação pública como meio de libertação e construção de uma sociedade menos desigual. O escritor acreditava que, mesmo miscigenado, o Brasil poderia se desenvolver mediante o investimento maciço em educação.

A obra bomfiniana foi negligenciada após seu falecimento, no ano de 1932, possivelmente, porque suas ideias e posicionamentos contrários ao projeto hegemônico de sociedade ameaçavam lideranças políticas de seu tempo. Porém, seus livros voltaram a ser editados na década de 1990, e, paulatinamente, novas pesquisas começaram a ser desenvolvidas nos programas de pós-graduação do país, em diferentes áreas. A despeito disso, ainda é tímido o interesse de pedagogas/os pelo estudo de sua obra, e poucas investigações foram realizadas, até o presente momento, acerca de suas produções afetas à educação.

3 PRIMEIRAS SAUDADES E A EDUCAÇÃO NO PROJETO MODERNIZADOR DE MANOEL BOMFIM

Neste tópico, apresentaremos o livro *Primeiras saudades*, escrito por Manoel Bomfim e publicado no ano de 1920, para ser utilizado como recurso comple-

mentar de leitura nas escolas primárias. Para Bomfim (1920), esses livros complementares para as escolas primárias deveriam ser educativos, despertando na criança sentimentos de comoção. Aos mestres serviriam de inspiração para o exercício do magistério, por meio de “verdades”, ou seja, da apresentação da realidade moralmente aceitável à criança.

A obra *Primeiras saudades* tem como protagonista a personagem Raul, criado por Bomfim para que crianças leitoras pudessem se identificar com as atitudes do menino, que é apresentado no livro como modelo: estudioso, inteligente, dedicado, generoso, devotado à família, respeitoso para com os pais e professores. Um livro escrito para que os pequenos estudantes pudessem estabelecer relações com o mundo em que viviam, na intenção de guiá-los moralmente, tendo como modelo as boas ações de Raul. Ao final de cada capítulo, há lições de vocabulário e elocução, propostas de redação, análise de ideias, questionários, comentários, exercícios de ortografia, ensinamentos de caráter moral, entre outras atividades.

Manoel Bomfim propõe a ideia de uma educação pautada na orientação, e não no castigo ou imposição do adulto, uma educação que formaria para a independência, que despertaria o sentimento de dignidade, que prepararia o público leitor para o exercício da disciplina, da autonomia, da devoção, da empatia e da honestidade.

Cumpre destacar que o livro não pode ser compreendido em sua totalidade sem o estabelecimento de relações entre a história e o contexto em que foi criado, pois Raul, enquanto arquétipo da criança ideal, modelo a ser perseguido, revela as intenções do autor de disseminar uma concepção de educação e de infância como caminhos necessários ao progresso da nação.

Com apenas doze anos, o garoto parte em viagem para a Europa, a bordo de um navio, a fim de estudar na França, e decide escrever um diário relatando suas vivências e lembranças. “A vida de criança terminou, quero aproveitar esses dias, aqui a bordo, para escrever todas as passagens importantes desta minha vida, que não voltará mais.” (BOMFIM, 1920, p. 10).

Raul descreve sua partida, relata as suas emoções e os motivos que levaram seu pai a enviá-lo para estudar na França. Afirma que teria de passar dez meses longe da família em um colégio para, futuramente, ingressar na academia. Nos relatos do diário, o menino narra as conversas atenciosas e pacíficas de seus pais que, segundo ele, conversavam sobre tudo amorosamente, principalmente, sobre o futuro dos filhos. É possível afirmar, portanto, que Raul era filho de uma família de posses, que valorizava sobremaneira a educação, uma família também idealizada e modelar. Vejamos como descreve as relações familiares:

Nem sei como papae teve coragem de separar-se de mim. Mamãe, esta combina com tudo que papai resolve, porque, tambem, elle nada resolve contra a vontade della. Nunca os vi discutirem. Conchavam, concordam, mas é papae quem decide. Por isso, eu contava sempre com elle.³ (BOMFIM, 1920, p. 9).

Modelo de educador segundo o padrão patriarcal de família, o pai de Raul escutava atenciosamente a opinião da esposa, a despeito de a decisão final partir

³ Optamos por manter a grafia original do período nas citações diretas do livro *Primeiras saudades*.

sempre dele. Dava aos filhos muita liberdade, mas, quando necessário, também os exortava, na tentativa de ajudá-los e motivá-los. Raul o apresenta como sua maior referência e alicerce, como se pode observar no excerto a seguir:

Papae atende a tudo e sabe de tudo o que ha na familia. E parece que todos descançam nelle. A mim, dava-me muita liberdade; no emtanto, sempre que eu tinha que fazer qualquer cousa mais importante, mesmo nos meus brinquedos, elle me apparecia, assim - como que por acaso, para me aconselhar, si eu quisesse, para ajudar-me, animar-me. (BOMFIM, 1920, p. 10).

A Primeira República, como já afirmado, foi um momento de efervescência de debates em torno da necessidade de reformular a escola primária, em todos os seus aspectos: prédios escolares; recursos didático-pedagógicos; formação de professores; currículo; métodos de ensino. Para Carvalho (1989), essa nova escola seria reorganizada sob os princípios de uma pedagogia racional e moderna, assentada sob o seguinte tripé: educação moral, intelectual e física. Problematizava-se, portanto, o modelo educacional conhecido como tradicional, centralizado na figura do professor, considerado a máxima autoridade, responsável pela transmissão verticalizada de conhecimentos aos alunos. No âmbito da família, o papel dos pais passa a ser revisto, uma vez que a escola seria uma extensão das vivências às quais a criança seria exposta no seio do lar.

Uma educação, tanto doméstica quanto escolar, que não permitisse à criança o desenvolvimento de sua iniciativa e a mantivesse inapta para os desafios da vida na cidade não seria condizente com o ideário republicano. É nesse sentido que o pai de Raul assume na história o papel de modelo de educador familiar. Eis as exortações que faz ao menino no momento de sua partida:

[...]

- Olha, meu filho, és agora um rapaz; tens de contar comtigo mesmo. Comprehendes que deves ter juízo, e eu fico descançado, porque sei que vais proceder como homem. Nada mais facil do que fazer, cada um de nós, o que deve fazer. Attende, reflecte, antes de resolver os teus actos, e verás que tudo correrá muito bem. Escreve-nos sempre, a mim e a tua mãe. No collegio, procura saber como tens de proceder; esforça-te em cumprir os teus deveres; enfileira-se com os que trabalham, e terás tanto prazer nisto como elles. Vaes viver no meio de muitos - professores e collegas; si houver algum perverso e máo, não te importes. Sê bom tu; não offendas a ninguem; pelo contrario, procura ser agradavel, sem baixezas, sem fingimentos. Começa por pensar bem de todos. A maldade dos actos começa pela maldade dos pensamentos. A maldade dóe sempre; dóe na propria pessoa que a pratica... Vae, e estou convencido de que nunca terás de sentir remorsos, porque não pensarás em fazer mal a ninguem. A pessoa que tem a verdadeira bondade, nunca se acobardará, nem fará invejosos... O meu grande desejo é saber que és querido de todos, e que todos são bons para ti... (BOMFIM, 1920, p. 13-14).

É após essa partida emocionada que Raul passa a escrever seu diário e a relatar experiências vividas, até aquele momento, no espaço doméstico, na rua, na

escola. Descreve a situação em que, ansioso com a véspera de seu aniversário e na expectativa de ganhar uma bicicleta, foi surpreendido pelo pai com uma enxada, uma pá, um regador e outros instrumentos de jardinagem. Decepcionado, Raul alega que aqueles objetos não eram brinquedos e só serviriam para o “[...] emporcalhar de terra [...]” (BOMFIM, 1920, p. 18). Seu pai, então, explica-lhe que a terra nada tinha de imunda e que não deveria ser tratada com desprezo, visto que dela se tira tudo o que é necessário para a vida. A terra, afirmava, é como uma grande mãe, sem a qual nada se sustenta. A partir de então, Raul começou a observar e a refletir constantemente sobre o ambiente em que vivia.

A pedagogia moderna que, como pontua Carvalho (1989), foi um movimento antecedente à Escola Nova no Brasil, defendia a iniciativa da criança no processo de aprendizagem, bem como a importância de vivências concretas que possibilitassem ao estudante a compreensão de conteúdos abstratos. Portanto, objetivava-se educar a criança pelo despertar de seus interesses, pelo aguçamento de sua curiosidade, sem exigir que aprendesse apenas por obrigação.

Em outro relato, Raul descreve uma viagem que fez a Paris com seus pais, aos oito anos de idade, com vistas ao aprendizado da língua francesa. A estadia da família na cidade, segundo o narrador, durou um ano e quatro meses. O menino tece considerações sobre o seu primeiro dia na escola. Segundo ele, os costumes eram incomuns quando comparados à rotina das escolas brasileiras, pois os alunos, além de estudarem até às quatro horas da tarde, vestiam um longo avental, que cobria praticamente todo o corpo.

Raul, não obstante a falta de familiaridade com o vocabulário do país, compreendeu as primeiras explicações do professor, “[...] como si elle estivesse falando em portuguez.” (BOMFIM, 1920, p. 62). E destaca:

Depois de cantarmos o hymno, começou a primeira lição. Elle foi a um armário. Logo compreendi que ia fazer uma lição de cousas. E começou: “Meus amigos... Temos aqui uma porção de cousas... cousas muito differentes umas das outras...” Elle falava devagar, pronunciando muito bem as palavras [...]. - Em primeiro lugar, disse elle, voceis devem notar que todas as cousas de que nos servimos vêm da natureza; umas vêm directamente, outras são preparadas à custa daquelas que se obtêm directamente. (BOMFIM, 1920, p. 63).

Como se pode verificar, as explicações do professor foram claras ao ponto de Raul compreendê-las mesmo sem dominar a língua. O método utilizado é apresentado como promissor, pois as crianças se mostraram motivadas e esclarecidas sobre os conteúdos em estudo. O professor, por sua vez, é exemplar na relação que estabelece com os alunos e no modo como conduz a aula.

Como destaca Valdemarin (1993), a prática das lições de coisas, nome popular atribuído ao método intuitivo, demandava o uso de certos procedimentos, como visitas, exposição de objetos, diálogos entre professores e alunos, além de materiais didáticos que pudessem colocar a criança em contato direto com o conteúdo a ser aprendido. O método de ensino baseado na exposição de materiais foi propagado inicialmente na França, na segunda metade do século XIX, de maneira que, ao final desse período, as discussões sobre esse modelo de ensino chegaram ao Brasil. Desde então, inúmeros intelectuais engajaram-se na defesa das lições de

coisas como solução para os problemas de ensino-aprendizagem enfrentados pela escola brasileira.

Manoel Bomfim, ao enfatizar o trabalho do professor, por meio do protagonista Raul, apresenta possibilidades que considerava viáveis para as mudanças que almejava para a escola, instituição que, em sua perspectiva, seria responsável por alavancar o progresso do país.

Outra situação igualmente relevante merece destaque entre os relatos de Raul, a saber, sua amizade com Camilo, o filho de um pescador que estudava na mesma escola que Raul frequentava no Brasil. Camilo pertencia a uma família humilde, mas que alimentava expectativas em relação à educação. Era um garoto comunicativo, que contava a Raul curiosidades sobre o mar, tais como detalhes sobre os peixes e os mariscos. Certa vez, o pai do menino machucou-se gravemente, situação que o forçou a deixar a escola para contribuir no sustento da casa. Raul prometeu visitá-lo sempre que possível para explicar-lhe as lições aprendidas na escola, pois assim, além de manterem o contato, o amigo conservaria as tarefas em dia. A amizade, entretanto, diluiu-se com o tempo, mas Raul apresenta Camilo como um grande amigo, dotado de qualidades morais, intelectuais e físicas.

O estudo da obra de Manoel Bomfim nos permite identificar uma defesa intransigente do autor em relação à cultura popular, apresentada como valorosa e essencial à construção de uma nação moderna. A amizade entre Raul e Camilo é uma forma de simbolizar o encontro possível entre a cultura científica, erudita, e o saber popular. Camilo, apesar das poucas vivências no ambiente escolar e da inserção precoce no mundo do trabalho, é evidenciado como um garoto inteligente, curioso, comunicativo, criativo, generoso, “[...] de ar esperto e inteligente, e com quem eu já sympathisava muito [...]. Camilo tinha um aspecto vivo, forte, mas era muito dado, muito complacente [...]” (BOMFIM, 1920, p. 54). O pai de Raul, por sua vez, conservava carinho pelo garoto e o tratava com grande respeito, afinal, como modelo de educador, desejava a amizade dos filhos com pessoas trabalhadoras e honestas, independentemente da origem social.

Em contraposição às teorias raciais em voga no período, que alegavam serem os índios, negros e mestiços espécies inferiores a serem superadas por meio do branqueamento possibilitado pela chegada dos imigrantes em solo brasileiro, como examinou Skidmore (1976), Bomfim defendia a valorização do autêntico brasileiro, de forma que essa bandeira aparece também, ainda que implicitamente, nos materiais que produziu para crianças⁴.

Em *Primeiras saudades*, é possível identificar temas pertinentes ao período, quais sejam: importância da escola pública e gratuita para todos; necessidade de mudança nos métodos de ensino; educação como mola propulsora do progresso social; relação professor-aluno; relação criança-família; amizade; solidariedade; apologia ao trabalho, à disciplina, à bondade e à humildade; exaltação dos povos indígenas e dos negros; valorização das riquezas naturais do país, do saber prático das classes populares e, ao mesmo tempo, dos conhecimentos científicos dissemi-

⁴ Vale ressaltar que o debate sobre raças no Brasil, termo utilizado amplamente no período, envolveu importantes intelectuais de perspectivas diferenciadas ante a questão, tais como Sívio Romero (1851-1914), Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), entre outros.

nados pela escola, além de críticas à guerra e à superficialidade das aparências e tantos outros assuntos que, naquele momento, foram concebidos pelo autor como necessários à formação das novas gerações de cidadãos republicanos.

Nos limites deste texto, não será possível detalhar cada capítulo do livro em questão, mas acreditamos que a investigação possa suscitar novos olhares e reflexões sobre a obra de Manoel Bomfim e de sua produção de caráter educativo. Raul, seu pai, sua mãe, seus professores, Camilo e outros personagens aparecem no intuito de apresentar para o público leitor lições de convivência e cidadania. Por esse motivo, distanciam-se da realidade pelo caráter irrepreensível que os caracteriza, cumprindo a função de arquétipos, ou seja, de modelos a serem seguidos pelas crianças leitoras.

Os quarenta e dois capítulos, encerrados em 220 páginas, com um índice ao final, são concluídos com as *Últimas palavras* de Raul e sua decisão de enviar o diário à família. Algumas palavras serão registradas a seguir, por seu acentuado teor educativo e por evidenciarem a tentativa de Manoel Bomfim de inculcar nas crianças valores e ideias que considerava necessários e importantes sobre a vida e a formação humana.

[...] o homem é como um animal qualquer. Quando pensamos, porém, e quando sentimos, nós nos reconhecemos realmente como homens, porque sabemos apreciar o que é bom e o que é máo, e podemos escolher o que é bello, digno e justo. O coração se comove com a lembrança das pessoas que estimamos, e com a ideia das cousas que nos parecem formosas e desejaveis... E é por isso que nos sentimos superiores a todos os outros seres vivos. O homem pode ser fraco pelo corpo, mas é forte pela intelligencia, e é estimavel pelos sentimentos, porque são os sentimentos que ligam as creaturas humanas umas ás outras. (BOMFIM, 1920, p. 215).

Manoel Bomfim, como se pode verificar, utiliza-se do protagonista Raul para exaltar a racionalidade e a possibilidade de aprendizagem do brasileiro, malgrado as questões de classe ou raça, refutando autoridades eminentes de seu tempo, exercício também presente em seus textos destinados ao público leitor adulto. Caberia à escola, de acordo com seu ponto de vista, assumir o papel de instituição estimuladora da inteligência e dos bons sentimentos nas crianças, sem os quais qualquer projeto progressista de nação estaria impossibilitado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em pesquisas realizadas sobre a obra de Manoel Bomfim e o papel que o autor atribuiu à educação no contexto da Primeira República, desenvolvemos esta investigação a respeito do livro de leitura intitulado *Primeiras saudades*, publicado no Brasil no ano de 1920. O caminho que optamos por traçar privilegiou os seguintes aspectos: o papel da literatura infantil no período estudado e a descrição e discussão do livro, fonte privilegiada por nossa pesquisa.

O estudo nos levou a concluir que, no limiar da República brasileira, o país vivenciava transformações em todos os âmbitos, e o cenário encontrava-se propício para a proposição de projetos para o desenvolvimento nacional. Intelectuais

e políticos buscavam o propalado progresso, mas se deparavam com a massa de trabalhadores desprovidos da instrução necessária para manusear as máquinas, bem como sem os conhecimentos específicos para exercerem as funções exigidas no âmbito urbano. Por esse motivo, esses intelectuais e políticos apostavam que a educação seria um instrumento capaz de preparar as pessoas para o trabalho, para o voto, que era restrito à população alfabetizada pela Constituição Federal de 1891, e para o exercício da cidadania.

O trabalho nos permitiu inferir que a literatura infantil, na perspectiva de Bomfim, era concebida como meio para a inculcação de valores, princípios e padrões de comportamento entendidos como necessários à formação do cidadão republicano, apresentado como ideal em contraposição ao “velho” brasileiro, vinculado à vida rural e inapto para as demandas próprias da cidade. Além disso, *Primeiras saudades* reforça a defesa de Manoel Bomfim de uma pedagogia moderna e da possibilidade de desenvolvimento do país, com base na valorização do elemento e da cultura nacional.

O analfabetismo era visto como fator de atraso, pois, por falta de conhecimento, as pessoas se mantinham pouco produtivas. A educação exerceria, então, a função de transformar aquela realidade, construindo uma identidade nacional capaz de modelar o povo, tornando-o ativo e disciplinado.

O papel atribuído à educação escolar incentivou pensadores a buscar materiais que pudessem contribuir para a concretização de tais projetos e, assim, a literatura infantil ganhou destaque. Manoel Bomfim foi um intelectual que atuou em diferentes frentes, e uma delas foi a educacional. Enquanto produtor de materiais didáticos e paradidáticos para alunos e professoras da escola primária, buscou explicitar, em linguagem infantil, os princípios republicanos que considerava essenciais para a construção desse “novo” Brasil democrático, de fato.

A história de Raul, personagem idealizada, apresenta modelos a serem admirados e seguidos pelas crianças, personagens cujas ações se caracterizam pela humildade, pelo amor à pátria, pela vontade de aprender e compartilhar diferentes tipos de conhecimento. O livro aborda a forma como a educação deveria ser conduzida pelo adulto, não mais por meio de imposição e violência, mas pela orientação dócil, segura e pautada na valorização da singularidade e interesses da criança.

Esperamos que estudos dessa natureza chamem a atenção para a obra de Manoel Bomfim, ausente como referencial teórico nas grades curriculares dos cursos de graduação em pedagogia no Brasil, embora tenha fundamental relevância para a compreensão do processo de construção da escola pública, laica, universal e gratuita no país. O estudo acerca da contribuição de intelectuais brasileiros que propuseram mudanças educacionais em consonância com os princípios de um regime republicano é essencial, em momentos como o que vivemos, nos quais as bases constitutivas de nossa educação pública se encontram ameaçadas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. C. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

- ALVES FILHO, A. *Manoel Bomfim: combate ao racismo, educação popular e democracia radical*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- BOMFIM, M. *Primeiras saudades: leitura para o 1º ano do curso medio das escolas primarias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.
- CARVALHO, M. M. C. *A escola e a república*. São Paulo: Atlas, 1989.
- FREITAS, M. C. Da ideia de estudar a criança no pensamento social brasileiro: a contraface de um paradigma. In: FREITAS, M. C.; KUHLMANN JUNIOR, M. (org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 345-372.
- GONTIJO, R. *Manoel Bomfim*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010.
- GONTIJO, R. Manoel Bomfim: “pensador da História” na Primeira República. *Revista brasileira de história*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 129-154, 2003. DOI: 10.1590/S0102-01882003000100006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/d7htmKVHYMpNfQqSgcpXFxF/?lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2021.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Editora Ática. 1985.
- LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. 2º tomo. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- MARTINELLI, L. P. *Monteiro Lobato e a educação: da crítica à produção de uma nova literatura infantil brasileira*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2014%20-%20Lais.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.
- NAGLE, J. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- SALEM, N. *História da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.
- SILVA, L. A. *Um intelectual iconoclasta: o papel do símbolo na obra e ação política de Manoel Bomfim (1897-1932)*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/teses/2017/2017%20-%20Ligiane%20Aparecida%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.
- SKIDMORE, T. E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SOUZA, R. F. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 109-161.
- SOUZA, R. F. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 109-151.
- VALDEMARIN, V. T. Método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para o mundo interpretado. In: SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J. S. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara: Editora da UNESP, 2003. p. 63-105.

VERÍSSIMO, J. *A educação nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler: a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2004.

Recebido em: 4 jul. 2020

Aceito em: 3 nov. 2020